

A Alegorização do Petróleo no Romance Angolano A *Montanha da Água Lilás*¹

The Allegorization of Oil in the Angolan Novel A Montanha da Água Lilás

La Alegorización del Petróleo la Novela Angoleña A Montanha da Água Lilás

Caio Ricardo Faiad (caiofaiad@usp.br)

Universidade de São Paulo

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7741-3407>

Daisy de Brito Rezende (dbrezend@iq.usp.br)

Universidade de São Paulo

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7715-0427>

Resumo

A incorporação da Lei 10.639/2003 à Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) aprimora a premissa da formação cidadã prescrita na Carta Magna da Educação ao promover, dentre outras tantas, a superação dos mitos negativos em relação à África. O objetivo deste trabalho é apresentar uma leitura crítica da obra infanto-juvenil *A Montanha da Água Lilás: fábula para todas as idades*, do escritor angolano Pepetela, que possibilite o planejamento de atividades para o ensino de Química no Ensino Fundamental nos termos das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Uma vez que a literatura transfigura a realidade, o presente trabalho apresenta uma análise e interpretação, levando em consideração os níveis de representação química e aspectos relativos à abordagem CTS (filosófica, sociológica, histórica, política, econômica e humanística). A análise pormenorizada do texto revela “água lilás” como a alegoria do “petróleo”, um recurso natural importante na economia angolana. É característico da literatura infanto-juvenil o uso como instrumento manipulado por uma intenção educativa, portanto, o desvelamento da figura de linguagem faz com que a obra analisada nesta pesquisa tenha grande potencial no âmbito educacional nas disciplinas de

¹ Este artigo é uma versão ampliada e rediscutida do trabalho publicado nos Anais do XX Encontro Nacional de Ensino de Química realizado de forma virtual entre os dias 8 e 11 de março de 2021.

Ciências/Química ao mesmo tempo que se possibilita o rompimento de estereotípias em relação ao continente africano, conforme prevê a legislação educacional brasileira.

Palavras-chave: Análise literária. História de Angola. Literatura Angolana.

Abstract

The incorporation of Law 10.639/2003 into the Law of Directives and Bases of Education (LDB) improves the premise of citizenship education, prescribed in the Magna Carta of Education, by promoting, among others, the overcoming of negative myths in relation to Africa. The objective of this paper is to present a critical reading of the children's and young adult literature *A Montanha da Água Lilás: fábula para todas as idades* (The Mountain of Lilac Water: fable for all ages) by Pepetela, which enables the planning of playful activities for the teaching of chemistry in elementary school under the terms of National Curriculum Guidelines for the Education of Ethnic-Racial Relations and the Teaching of Afro-Brazilian and African History and Culture. Since literature transfigures reality, this work presents an analysis and interpretation considering the levels of chemical representation and aspects related to the STS approach (philosophical, sociological, historical, political, economic, and humanistic). A detailed analysis of the text reveals "água lilás" (lilac water) as the allegory of "petróleo" (oil), an important natural resource in the Angolan economy. It is characteristic for children's literature to be used as an instrument manipulated with an educational intention, therefore, the unveiling of the figure of speech makes the work analyzed in this research have great potential in the educational field in Science/Chemistry disciplines, while at the same time makes it possible to break through stereotypicalities in relation to the African continent as stated in Brazilian educational legislation.

Keywords: Literary analysis. History of Angola. Angolan Literature.

Resumen

La incorporación de la Ley 10.639 / 2003 a la Ley de Directrices y Bases de la Educación (LDB) mejora la premisa de la educación ciudadana, prescrita en la Carta Magna de la Educación, al promover, entre otros, la superación de mitos negativos en relación con África. El objetivo de este trabajo es presentar una lectura crítica de la obra juvenil *A Montanha da Água Lilás: fábula para todas as idades* (*La montaña de agua lila: fábula para todas las edades*), de Pepetela, que permita la planificación de actividades lúdicas para la enseñanza de química en la educación primaria en los términos de las Directrices Curriculares Nacionales para la Educación de las Relaciones Étnico-Raciales y para la Enseñanza de la Historia y la Cultura Afro-Brasileña y Africana. Dado que la literatura

transfigura la realidad, este trabajo presenta un análisis e interpretación teniendo en cuenta los niveles de representación química y aspectos relacionados con el enfoque CTS (filosófico, sociológico, histórico, político, económico y humanístico). Un análisis detallado del texto revela que el “agua lila” es la alegoría del “aceite”, un recurso natural importante en la economía angolense. Es característico de la literatura infantil que se utilice como un instrumento manipulado por una intención educativa, por lo tanto, la develación de la figura del discurso hace que el trabajo analizado en esta investigación tenga un gran potencial en el campo educativo en disciplinas de Ciencia / Química, mientras que en al mismo tiempo, posibilita la ruptura de los estereotipos en relación con el continente africano según lo previsto por la legislación educativa brasileña.

Palabras clave: Análisis literario. Historia de Angola. Literatura angolense.

Introdução

O ponto central do reconhecimento, pelo Estado brasileiro, das premissas da equidade racial foi a transformação de demandas dos movimentos sociais em dispositivos legais. Conforme apresentam Santos (2005) e Gomes (2017), logo após a abolição, os negros brasileiros se articularam para reivindicar acesso aos bancos escolares e a políticas públicas para a erradicação do racismo nos sistemas educacionais.

Após conquistas nos âmbitos municipais e estaduais, em 2003, a legislação federal implementa políticas antirracistas incrementando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9.394/96) com a Lei 10.639/2003, que, dentre outras determinações, acrescenta o artigo 26-A: “Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira” (Brasil, 2003). Em 2008, uma modificação no artigo 26-A é realizada para a inclusão da questão indígena através da Lei 11.645/08 (Brasil, 2008).

A partir do adensamento do debate acerca dos mecanismos para que uma abordagem antirracista pudesse ser efetivada no ensino de Ciências, Verrangia e Silva (2010) propõem cinco grupos temáticos de inclusão da Educação para as Relações Étnico-raciais (ERER) no ensino desse campo de conhecimento. Especificamente no Ensino de Química, destacam-se as produções do grupo de pesquisa da Profa. Dra. Anna Maria Canavarro Benite (Benite et al., 2018; Benite et al., 2019; Santos, et al., 2020) e da

Profa. Dra. Barbara Carine Soares Pinheiro (Silva e Pinheiro, 2018; Pinheiro, 2019; Pinheiro, 2020).

Com o intuito de contribuir para a perspectiva teórico-metodológica de construção de uma educação antirracista, o objetivo deste artigo é apresentar uma análise da obra *A Montanha da Água Lilás: fábula para todas as idades*, de Pepetela, tendo como norte interpretativo o material ficcional “água lilás” como alegoria do petróleo. Este trabalho, portanto, coloca Química e Literatura em abordagem interdisciplinar visando a implementação da Educação das Relações Étnico-raciais na escola, como já apresentado em artigos anteriores (Faiad et al., 2018; Faiad et al., 2021). A pesquisa aqui apresentada se justifica pelas evidências trazidas por Faiad e Rezende (2021) de que as pesquisas interdisciplinares de Química e Literatura privilegiam, mesmo que de forma inconsciente, obras literárias produzidas por homens brancos do Norte Global. O escritor da obra analisada neste trabalho é Pepetela, um homem branco, porém do Sul Global: de Angola.

A presença de elementos científicos em narrativas literárias se tornou objeto de pesquisa no campo do Ensino de Ciências. Em se tratando de sequência didática, Labianca e Reeves (1975) já defendiam que a literatura, em um contexto interdisciplinar, oferece um vislumbre fora da própria vida do aluno, dando a oportunidade de obter uma perspectiva sobre o objeto a ser ensinado.

Na tentativa integrar textos literários no ensino de Ciências, Galvão (2006) descreve mecanismos da presença da Ciência em textos literários: a) a ciência na narrativa; b) as culturas em confronto; c) a dimensão social e literária, refletindo sobre como elas se beneficiam dos conceitos científicos; d) a visão multidimensional e complexa de cultura; e) e o modo como a subjetividade permeia a análise e se cruza com a pretensa objetividade da Ciência. Algumas dessas premissas estão presentes em diversos trabalhos que relacionam Literatura e Ciência (Groto & Martins, 2015; Piassi, 2011; Silva, 2011; Pinto Neto, 2008; Porto, 2000).

O presente trabalho é um recorte da pesquisa de doutorado desenvolvida no Programa Interunidades de Ensino de Ciências da Universidade de São Paulo e conta com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Percurso Metodológico

Os Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa são um campo da pesquisa em literatura que objetiva desenvolver estudos culturais e literários que se utilizam da descrição de outras áreas do saber para analisar textos literários por um viés crítico (Carvalho, 2004). Descrever uma metodologia da pesquisa em literatura, no entanto, não é uma tarefa trivial. A presente pesquisa, porém, segue os passos da equação proposta por Durão (2020, p. 15): “pesquisa em literatura = interpretação + aparato acadêmico”.

A “interpretação” pode ser compreendida como a atribuição de significados ao texto. Essa interpretação, porém, precisa ser realizada mediante a “análise”, isto é, o exercício de examinar as partes da composição do texto. É no processo de análise que a pesquisa em literatura se utiliza do “aparato acadêmico” no desenvolvimento do estudo.

É possível definir Química como a ciência que “tem como objetos de investigação os materiais, as substâncias, suas propriedades, sua constituição e suas transformações” (Mortimer et al., 2000, p. 276). Assim, a partir da primeira leitura de *A Montanha da Água Lilás*, parte-se do ponto de partida de que a “água lilás” é um material químico fictício.

Neste trabalho, buscou-se, a partir de sucessivas leituras, depreender os níveis de representação química (Johnstone, 1993) que podem ser identificados para a “água lilás” no texto literário. E, partindo do princípio de que esse material promove profundas mudanças nas relações sociais das personagens, a perspectiva Ciência-Tecnologia-Sociedade, doravante CTS, (Santos & Mortimer, 2000) pode ser adotada para uma abordagem desta literatura nas aulas de Ciências/Química.

Texto em contextos

Angola é normalmente lembrada pelos brasileiros devido ao elo comum de ser uma ex-colônia portuguesa. Para além da trajetória histórica evidenciada pela herança linguística, pouco (ou quase nada) se fala de Angola no Brasil. Localizada na costa ocidental africana (FIGURA 1A), Angola é uma das importantes nações produtoras de petróleo e membro da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP). Constituída por 18 províncias, no quesito petróleo destaca-se Cabinda, um exclave a

noroeste, que é separado do território principal pela República Democrática do Congo (FIGURA 1B).

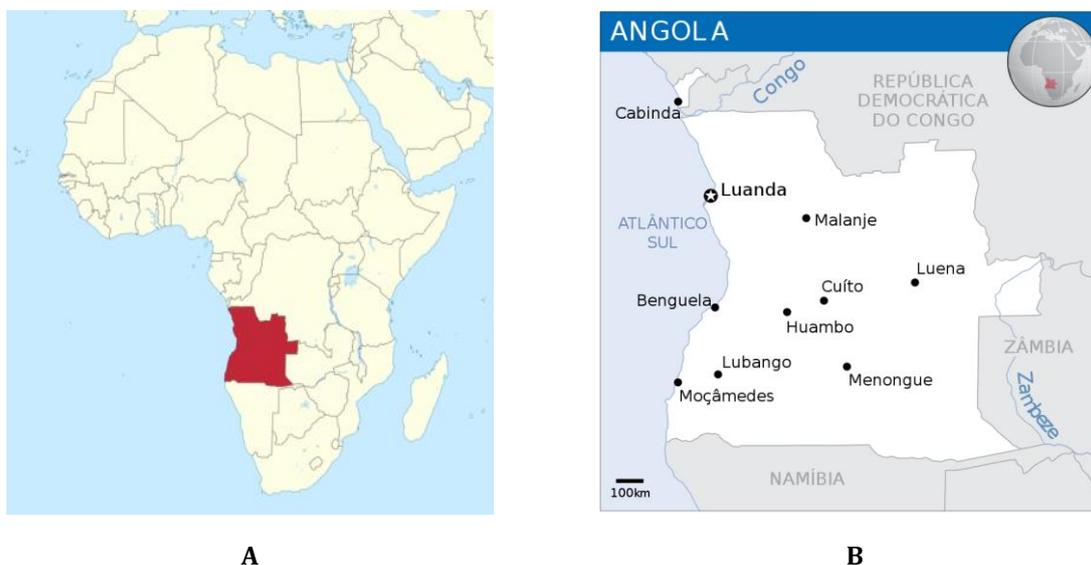


Figura 1 - Mapas: A - continente africano com Angola em destaque; B - Angola e suas províncias.

A história angolana é um dos grandes exemplos de como a colonização europeia deixou, na África, um legado de guerra. Mesmo que de forma breve, é importante apresentar alguns fatos da história desse país. Após a Segunda Guerra Mundial, a economia portuguesa ficou à beira da falência e, portanto, mais dependente das riquezas geradas em suas colônias. Durante a Guerra Fria, com a disseminação da perspectiva marxista, muitos países africanos conquistaram sua independência pela atuação de movimentos anticoloniais.

A partir dos anos 1950, a ditadura salazarista de Portugal adota como estratégia de propaganda e política externa a teoria racial luso-tropical, desenvolvida pelo sociólogo brasileiro Gilberto Freyre, com a intenção de justificar a permanência portuguesa em territórios africanos². O luso-tropicalismo postula a especial capacidade de adaptação dos

² Viagens pagas pelo governo português para Gilberto Freyre conhecer as colônias portuguesas, a orientação de acompanhamento dos diplomatas portugueses da produção do sociólogo brasileiro ao redor do mundo, a publicação e distribuição pelo governo do português do livro de Gilberto Freyre, *Integração portuguesa nos trópicos*, e entrevistas do Salazar à imprensa estrangeira com argumentos inspirados no luso-tropicalismo são algumas das evidências de que Portugal adotou o “luso-tropicalismo” de Freyre para justificar a permanência de Portugal em África (Castelo, 2013).

portugueses aos trópicos, não por interesse político ou econômico, mas por empatia inata e criadora, herança da origem étnica híbrida pela ocupação dos mouros na Península Ibérica nos primeiros séculos da constituição da nacionalidade portuguesa (Castelo, 2013).

Em 1961, eclodem os primeiros conflitos armados entre Portugal e Angola. A guerra de guerrilha se alastra pelos territórios das então colônias portuguesas e se estende até 1975, quando Angola, Guiné-Bissau, Cabo Verde e Moçambique declaram independência de Portugal. Após a independência, os grupos que lutaram contra Portugal passaram a lutar entre si pelo domínio do novo Estado que se formava. A guerra civil angolana, que só termina em 2002, foi financiada pela exploração de recursos minerais: enquanto o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) dominava os mecanismos de exploração do petróleo (Morais, 2015), a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA) dominava a exploração do diamante (Moura, 2000).

A obra que será analisada neste trabalho foi publicada em 2000, ou seja, nos anos finais da guerra civil angolana. Entender, mesmo que brevemente, a história de Angola é importante no estudo da literatura angolana, em especial a de Pepetela, visto que o projeto literário do autor é a formação da nação angolana (Chaves, 1999).

O gênero literário

A Montanha da Água Lilás é compreendida como literatura infanto-juvenil. Esse tipo de literatura carrega consigo uma grande questão: é arte literária ou instrumento pedagógico? Para as finalidades deste trabalho, adotam-se as concepções de Coelho (2000, p. 46) de que, quando o texto é utilizado “como objeto que provoca emoções, dá prazer ou diverte e, acima de tudo, modifica a consciência de mundo de seu leitor”, é arte literária. Porém, quando usado “como instrumento manipulado por uma intenção educativa”, esse texto se inscreve na área pedagógica.

Essa característica dual (arte e pedagogia) do texto literário destinado a crianças e adolescentes pode gerar diferentes olhares na abordagem escolar. É possível que, em contexto escolar, um professor de Língua Portuguesa pense nessa obra sob a esfera artística enquanto um professor de Química a mobilize para o campo do ensino. Portanto,

antes de proceder à leitura crítica da obra considerando referenciais teóricos do Ensino de Ciências, é pertinente apresentar uma breve discussão literária da obra, no sentido de contribuir para a efetivação de propostas didáticas interdisciplinares na escola.

Segundo Coelho (2000), fábula é a narrativa de natureza simbólica de uma situação humana e tem por objetivo transmitir certa moralidade. Essas narrativas apresentam determinados Aspectos Estilísticos e Estruturais (AEE) que costumam ser aceitos pelo público infanto-juvenil (Coelho, 2000, pp. 102-109):

- 1 A efabulação inicia-se de imediato e o motivo central já é explicitado.
- 2 Os diferentes motivos da efabulação geralmente resultam das três necessidades básicas do homem: estômago, sexo e vontade de poder.
- 3 O tempo é indeterminado, a-histórico.
- 4 O ato de contar é referido na própria efabulação pela voz familiar do contador, que serve de mediador entre a situação narrada e o leitor; esse texto dialogante é típico de narrativas originárias da comunicação oral.
- 5 A forma literária básica é o conto, em detrimento da novela e do romance.
- 6 A técnica narrativa da repetição é bastante utilizada, ou seja, há a reiteração de vários esquemas básicos, os quais só podem ser observados no contexto geral da efabulação.
- 7 É utilizado um processo de representação simbólica ou metafórica.
- 8 As personagens são basicamente tipos (desempenham funções no grupo social, como o rei, o conselheiro, os leões) ou caracteres (representam comportamento ético ou espirituais).
- 9 A Realidade e o Imaginário (fantástico, mágico, maravilhoso, sobrenatural) convivem naturalmente.
- 10 O espaço nem sempre é significativo para o andamento da ação.
- 11 A exemplaridade é um dos objetivos mais evidentes dessas narrativas.
- 12 O narrador é o contador de histórias, é aquele que não inventa, que só conta o que ouviu, que mantém a tradição viva.

A Montanha da Água Lilás inicia com o narrador, que é um contador de histórias, que repassa que aprendeu a história com o avô Bento (AEE12): “Eu só escrevi aquilo que o avô nos contou, não inventei nada.” (Pepetela, 2013, p. 11). A história possui marcas da

oralidade como as marcas de interlocução com o leitor – “Mas essa estória vocês já conhecem...” (Pepetela, 2013, p. 49) – e o interrompimento da contação da história para fazer acréscimos próprios – “*Aqui é necessária uma explicação que avô Bento não introduzia no relato: a hiena foi escolhida porque ela era muito astuciosa e falsa [...]*” (Pepetela, 2013, p. 60) [itálico do autor].

A obra de Pepetela é dividida em dezesseis pequenos capítulos. Sendo assim, observa-se que a forma básica não é um conto, rompendo, portanto, com a AEE5. Além disso, a efabulação não começa de imediato. O motivo central é explicitado apenas no capítulo 5, quebrando a AEE1. Essas “violações” dos “Aspectos Estilísticos e Estruturais” colocam esse texto distante do gênero fábula e próximo dos romances. Coelho (2000) comenta que, estruturalmente, o romance se desenvolve em torno de uma situação nuclear em que as peripécias, os episódios, os acontecimentos serão encadeados a esse eixo central.

Para Lukács (2000), o gênero literário resulta de formas sociais de produção e de consumo de um dado momento histórico. Benjamin (2012) apresenta que o divisor entre o “mundo antigo” e o “mundo atual” é a questão da oralidade na construção da narrativa. O mundo antigo, o da epopeia, possui a tradição oral como patrimônio; já o mundo atual, o do romance, possui a tradição impressa, o texto literário é fixado no livro, não nasce e nem penetra na tradição oral. Walter Benjamin chamou de “crise do romance” a restauração da tradição oral nos romances.

A crítica literária francesa Marthe Robert (2007), por sua vez, aponta que não se trata de uma mudança do romance, mas de uma característica própria do gênero: o caráter arrivista, característico da sociedade burguesa. Assim como a burguesia explora a mão de obra trabalhadora, o romance, um produto da burguesia, explora procedimentos de outros gêneros textuais em seu benefício próprio.

Nos contextos africanos, não faz sentido falar em epopeia como gênero da tradição oral, porém fábulas africanas foram publicadas, em 1894, em edição original bilíngue inglês-quimbundo por Chantelain (1964). Assim, trazendo à luz as ideias de Walter Benjamin e Martha Robert quanto à crise do romance e seu caráter arrivista, defende-se que *A Montanha da Água Lilás: fábula para todas as idades* não é meramente uma fábula, como se aponta no subtítulo, mas um romance efabulado. Um romance que traz no seu

texto procedimentos da oralidade, procedimentos da fábula, a incorporação de gêneros literário da tradição oral.

A AEE7 se refere a processos de representação simbólica ou metafórica. Em *A Montanha da Água Lilás*, a figura de linguagem que deve ser captada por uma leitura mais atenta é a alegoria. Ceia (2009) diz que, etimologicamente, alegoria significa “dizer o outro” e que, historicamente, é vista como uma metáfora ampliada, uma vez que a metáfora é aplicada a termos isolados e a alegoria para expressões ou textos inteiros. Ceia (2009, np) define a alegoria como “aquilo que representa uma coisa para dar a ideia de outra através de uma ilação moral” e que “joga com sentidos duplos e figurados, sem limites textuais (pode ocorrer em um simples poema ou em um romance inteiro)”.

Toda narrativa se estrutura sobre cinco elementos: enredo, personagens, tempo, espaço e narrador. Esses elementos são amplamente discutidos em textos teóricos e manuais escolares. Para entender os termos em que a alegoria rege esse romance efabulado, se faz necessário tecer breves comentários sobre alguns desses elementos neste artigo.

Elementos da Narrativa

A produção literária em Angola se inicia no período da luta anticolonial. Portanto, não se pode desconsiderar neste trabalho que o processo de ocupação territorial, exploração econômica e domínio político do continente africano por potências europeias teve início no século XV e se estendeu até a metade do século XX.

A partir de relatos, Nascimento (2016) discute a presença e a ingerência do colonialismo português sobre o homem comum angolano, em processos cotidianos como a pesca. Já Boavida (1967, p. 30) afirma que os colonizadores portugueses recusaram “o Direito de Angolidade aos povos e populações angolanas e impuseram mesmo, por um novo estatuto, a cidadania portuguesa a todos os autóctones”.

Essas citações mostram o descontentamento dos angolanos quanto ao governo colonial. Tal situação culminou em um projeto político que visava a independência desse território, formado por diferentes grupos étnicos. Para isso, foi necessário fomentar um projeto ético que forjasse uma identidade cultural angolana, que se configura em um dos pilares do projeto estético da literatura angolana. Sobre isso, Chaves (2003, p. 373) afirma

que, em Angola, “do século XIX aos nossos dias, construir-se enquanto escritor e construir a nação têm sido faces de um mesmo projeto”, o que provoca pensar a literatura angolana e a construção dos elementos narrativos como transfiguração de uma realidade local.

As personagens das fábulas são, comumente, animais. Em *A Montanha da Água Lilás: fábula para todas as idades*, essa característica é mantida com a presença de leão, elefante e hiena, entre outros animais. Porém, Pepetela também cria animais fictícios, os lupi, com três “qualidades”: a) os cambutinhas, que são criativos, espertos, ligados às artes, às ciências e à educação; b) os lupões, que são mais lentos, porém trabalhadores, bons na matemática e no comércio, são aptos para as questões econômicas; e c) os jacalupis, enormes, preguiçosos, gulosos, autoritários e improdutivos.

Gancho (2004, p. 10) diz que as “personagens se definem no enredo por aquilo que fazem ou dizem, e pelo julgamento que o narrador e as outras personagens” fazem delas. Não há menção às personagens por nomes próprios, mas pela função que exercem na sociedade ou por alguma característica individual, por exemplo: lupi-pensador, lupi-sábio, jacalupi-capitão, lupi-distraído, lupi-azarado. Dessa forma, o romance efabulado possui personagens-tipo, que são aqueles que representam comportamentos e características físicas e psicológicas de uma classe ou de um grupo social.

Quando denominados pela função social, destaca-se serem todos do gênero masculino, exceto a lupi-professora. Essa diferenciação do gênero das personagens, para o autor, não é mero acaso ou descuido de composição de um autor que já construiu figuras femininas potentes como em *Lueji: o nascimento de um império* (1990). Entende-se que a questão de gênero na construção das personagens em *A Montanha da Água Lilás* aponta para o olhar crítico do escritor, pois ao compor personagens com essa diferenciação de gênero no exercício de funções públicas, as constrói enquanto alegoria. Uma vez que a perspectiva patriarcal que rege a sociedade capitalista deixa a cargo das mulheres ocuparem determinadas profissões (Costa & Ribeiro, 2011), a alegoria se estabelece, pois, ao falar sobre os lupi, quer-se falar sobre os seres humanos.

O espaço é, por definição, o lugar onde se passa a ação numa narrativa. Coelho (2000) discorre no AEE10 que, normalmente, o espaço não é um elemento narrativo significativo para o andamento da ação em fábulas. Corroborando a ideia de que a literatura analisada neste trabalho é um romance efabulado e não uma fábula

propriamente dita, em *A Montanha da Água Lilás* o espaço da narrativa já aparece no título da obra, o que já sugere que esse espaço tem importância na narrativa.

“A montanha” é o nome do primeiro capítulo. E, no segundo capítulo, narra-se a disputa entre os lupis e os rinocerontes pelo domínio do território (Pepetela, 2013). Cabe mencionar que, além da montanha, há menção a um segundo tipo de território: a planície. Uma vez que a história não se passa na planície, não se pode afirmar que a planície é um espaço da narrativa, porém a presença dela no texto possui importância na medida em que se torna um qualificador para os animais: os lupis estão na montanha, onde ocorre a efabulação, e as demais personagens são descritas como animais ou bichos da planície.

No capítulo 12, “As modas da planície”, o lagarto azul conta ao jacalupi-capitão sobre uma nova tendência dos javalis: usar ossos roídos nas orelhas. Ao gostar desse novo hábito, o jacalupi-capitão obriga o lupi-comerciante a trocar água lilás por ossos roídos (Pepetela, 2013). Esse é um dos episódios onde é possível pensar que tais espaços (montanha e planície) são colocados no texto como marcadores sociais de diferença, são alegorias para “metrópole” e “colônia”, sendo a “montanha” alegoria para os territórios africanos e a “planície” para as metrópoles europeias. Vale pontuar que Angola se tornou independente em 11 de novembro de 1975, assim a relação metrópole-colônia é um passado recente da história desse país.

Água Lilás, Ciências/Química e abordagem CTS

O enredo é “o conjunto dos fatos de uma história” (Gancho, 2004, p. 7). Em *A Montanha da Água Lilás*, todo o enredo é centrado nesse material químico, a água lilás. Um bom enredo precisa ser verossímil, isso é, tem que possuir a aparência de verdadeiro. Como aponta Gancho (2004, p. 7), um modo de analisar a verossimilhança é verificar a “organização lógica dos fatos dentro do enredo. Cada fato da história tem uma motivação (causa), nunca é gratuito e sua ocorrência desencadeia inevitavelmente novos fatos (consequência).”

Gancho (2004, p. 8) expõe que “o conflito é qualquer componente da história (personagens, fatos, ambiente, ideias, emoções) que se opõe a outro, criando uma tensão que organiza os fatos da história e prende a atenção do leitor”. Não raro, é possível ocorrerem vários conflitos em um romance e esse é o caso de *A Montanha da Água Lilás*.

Uma vez que os lupis são alegorias para a humanidade, há conflitos "personagem contra personagem", "personagem contra a natureza", "personagem contra si" e até mesmo "personagem contra sociedade" presentes no texto.

Neste artigo, a leitura que se faz da obra é a de que os conflitos trazidos no enredo têm um precursor: a água lilás. Este material aparece apenas no capítulo 5, quando o lupi-poeta chuta uma pedra, irritado por não conseguir fazer as suas poesias:

De repente, do sítio de onde saiu a pedra, brotou muito timidamente um líquido escuro. O lupi-poeta inclinou-se para ver melhor e sentiu então o perfume que saía daquele líquido lilás. Era um perfume muito doce. Pôs o dedo no líquido e levou-o ao nariz. Que maravilha! Os odores de todas as flores estavam reunidos naquele cheiro único que logo o encheu de enorme alegria, ele que momentos antes quase explodia de irritação. (Pepetela, 2013, p. 27)

A partir desse momento, a obra passa a abordar as descobertas científicas e as transformações dos modos de vida promovidas pelo desejável líquido lilás. Por meio de Johnstone (1993), identifica-se as propriedades macroscópicas: líquido, lilás e odor adocicado. Após essa descoberta, o lupi-sábio e o lupi-kimbanda foram ao laboratório fazer experimentos para descobrir se a água lilás fazia mal aos lupis ou não:

A meio da manhã, veio o lupi-kimbanda a correr, agitando os braços.
— Estivemos a fazer experiências. E já há uma descoberta muito boa, lupi-lupi-lupi! Calou-se, olhando bem para o tanque, maneira de ver se o líquido não se perdia. Os lupis rodearam-no e começaram a pedir:
— Conta então, lupi-kimbanda, conta então.
— Bem. Foi por acaso que descobrimos. O meu assistente principal meteu a mão na porção de água lilás, para a cheirar mais uma vez. Ora ele tinha uma carraça bem grande na mão, dessas que já nem mexem de tão gordas. Quando entrou na água lilás, a carraça diminuiu, diminuiu, e acabou por desaparecer. Assim mesmo. Então andamos a nos catar as carraças e as pulgas e a pô-las num caquinho de ovo de avestruz com água lilás. Remédio santo! Imediatamente as carraças e pulgas diminuíram, diminuíram, até desaparecerem.
— Lupi-lupi-lupi! — gritou entusiasmado o lupi-poeta. — Vou já mergulhar no tanque, estou cheio de carraças.
— Não, espera — avisou o lupi-kimbanda. — Temos ainda de continuar as experiências. Se a água lilás faz mal às carraças, também pode fazer a nós.
Um lupizinho cambuta, de olhos a brilhar malandramente, perguntou:
— Será que um jacalupi diminui se cair dentro da água lilás?
— Xê aí, nada de brincadeiras! — ralhou a professora. — Vamos esperar que os cientistas estudem bem tudo isso. (Pepetela, 2013, pp. 30-1)

Descobre-se, então, que esse novo material pode matar carrapatos (carraças) e, por isso, os lupis começam a nadar em reservatórios de água lilás, utilizando-a como se fosse remédio. Um ponto interessante dessa narrativa angolana é que o lupi-sábio (o cientista) e o lupi-kimbanda (o detentor de conhecimentos tradicionais) sempre são requisitados quando é necessária uma tomada de decisão. Nesse sentido, Pepetela nos apresenta, na obra, uma composição em que não há uma sobreposição da ciência sobre os saberes originários. Essa observação, no contexto de aulas de Ciências, se torna importante para o rompimento do senso comum, que coloca os conhecimentos científicos como representantes da verdade universal. Outro ponto que poderia ser discutido é que, para o exercício da função de cientista, se faz necessário o diálogo com outras formas de saber para que a seleção de propostas de pesquisa propicie o bem coletivo da sociedade.

No decorrer da narrativa, novas utilizações para a água lilás são descobertas. O material fictício de Pepetela, além de ser remédio para carrapatos, pode ser utilizado como produto culinário. Simultaneamente, as coisas começam a ficar tensas para os lupis:

Um dia, o amigo cágado veio discretamente falar com o lupi-pensador. Se fecharam os dois em casa do lupi. Depois de beber um sumo misto de pitanga e hortelã, bebida preferida pelos cágados antes mesmo de aprenderem a falar, o visitante falou de jeito grave:

— Na planície preparam-se coisas más para vocês. Os carnívoros estão ofendidos e furiosos, porque não são aceites como clientes. Até as onças e os leões, eternos inimigos, fizeram um acordo. Também querem ter acesso à água lilás. Reuniram com os mabecos, as hienas, as raposas, todos. Talvez fosse melhor chegar a algum compromisso.

— Impossível. Vêm aqui e matam os herbívoros e a nós também.

— Podem vender-lhes só cabaças de água lilás. Os carnívoros não gostam de nadar. Devem se contentar com as cabaças.

— Isso já é uma solução. Vou falar com os outros. Obrigado pelo aviso, lupi-lupi-lupi. E beba mais um sumo.

— Nunca nego um sumo misto. E esta vossa hortelã é maravilhosa.

— Segredo meu que lhe passo com agrado — bichanou o lupi-pensador. — Deixo-a ficar de véspera num pouco de água lilás. (Pepetela, 2013, pp. 59-60)

Mais adiante na narrativa: “A alegria aumentou quando o lupi-sábio anunciou uma nova utilidade da água lilás: descobriu que algumas gotas na fogueira faziam-na iluminar mais e durante a noite inteira.” (Pepetela, 2013, p. 59). Nesse trecho, é factível pensar na utilização da água lilás também como um combustível.

Analisando, portanto, o modo de obtenção da água lilás e as inúmeras utilidades do material somado ao projeto literário do escritor, que é escrever sobre Angola, infere-

se que a água lilás é uma alegoria para o petróleo. Essa alegoria nos indica que a obra é uma representação simbólica em que a montanha é Angola e a água lilás, o petróleo. Dessa forma, concebe-se o universo ficcional de *Pepetela* como mimese da realidade. Os aspectos relativos à abordagem CTS, apresentados no Quadro 1, serão usados como suporte analítico para afirmar esse direcionamento interpretativo.

Quadro 1 - Aspectos relativos às Ciências que poderiam ser abordados nos currículos CTS

Natureza	Descrição
Filosófica	Aspectos éticos do trabalho científico, o impacto das descobertas científicas sobre a sociedade e a responsabilidade social dos cientistas no exercício de suas atividades.
Sociológica	Discussão sobre as influências da ciência e tecnologia sobre a sociedade e dessa última sobre o progresso científico e tecnológico; e as limitações e possibilidades de se usar a ciência e a tecnologia para resolver problemas sociais.
Histórica	Discussão da influência da atividade científica e tecnológica na história da humanidade, bem como os efeitos de eventos históricos no crescimento da ciência e da tecnologia.
Política	Interações entre a ciência e a tecnologia e os sistemas público, de governo e legal; a tomada de decisão sobre ciência e tecnologia; o uso político da ciência e tecnologia; ciência, tecnologia, defesa nacional e políticas globais.
Econômica	Com foco nas interações entre condições econômicas e a ciência e a tecnologia, contribuições dessas atividades para o desenvolvimento econômico e industrial, tecnologia e indústria, consumismo, emprego em ciência e tecnologia.
Humanística	Aspectos estéticos, criativos e culturais da atividade científica, os efeitos do desenvolvimento científico sobre a literatura e as artes, e a influência das humanidades na ciência e tecnologia.

Fonte: Adaptado de Santos e Mortimer (2000, p. 116)

Assim como no mundo material, no universo efabulado de *Pepetela*, é possível identificar um sistema de opressão entre as qualidades de *lupis*. A água lilás se tornou a base econômica dessa sociedade, porém as trocas realizadas pelos produtos da planície não beneficiam todas as qualidades. No início da narrativa, a união entre *lupis* e *lupões* resultou na expulsão dos *rinocerontes*, episódio que Dutra (2011, p. 162) interpreta como

uma alegoria que remete à Guerra Colonial, “quando a união do povo foi fator preponderante à libertação de Angola do jugo colonialista de Portugal”.

Porém, após as guerras de independência, uma nova classe surge na sociedade angolana, aquela que domina os recursos naturais do país. No romance efabulado, essa nova classe é representada pelo jacalupis: “estes seres enormes mostram-se extremamente vorazes e insaciáveis, não aprendem, não produzindo e estabelecendo uma relação parasitária e unilateral com sua sociedade” (Dutra, 2011, p. 162).

Uma vez que os jacalupis exigem das demais qualidades o seu sustento integral, sem exercer qualquer esforço produtivo, não há preocupação deles sobre a transformação da água lilás e o estabelecimento de tecnologia para substituição de “importações”. O trecho que segue pode ser estudado a luz do aspecto econômico da abordagem CTS (Quadro 1):

[...] O lupi-comerciante foi falar ao lupi-sábio, tens de inventar qualquer coisa.
— Inventar mais o quê? Farto-me de inventar coisas, mas vocês não aproveitam. Só ainda não inventei juízo para vos dar.
— Ora, só inventas coisas disparatadas. Como esse líquido feito a partir de água lilás que dá para fazer colchões. Os herbívoros vendem-nos bons colchões de palha e sumaúma. E os avestruzes vendem-nos as penas que fazem uns colchões maravilhosos. Para que ia servir a tua descoberta de colchões líquidos?
Era verdade. Os lupis agora dormiam sobre fofos colchões comprados na planície. O jacalupi-capitão tinha um enorme de penas de avestruz. Caríssimo, o preço de três dias de água lilás.
— Ficava muito mais barato utilizar o meu líquido.
O lupi-comerciante muxoxou e nem lhe respondeu. Disse:
— Estive a pensar. Não podíamos fazer um furo extra para sair mais água lilás?
— É fácil fazer o furo. Pode é não sair água.
— Por que não tentar?
— Não vejo inconveniente.
— Assim duplicamos a quantidade de água lilás para a venda, lupi-lupi-lupi — festejou o lupi-comerciante. (Pepetela, 2013, pp. 99-100)

Como se observa no trecho, embora já se tenha tecnologia própria para a obtenção do produto desejável, havia preferência pela importação do produto da planície e por abrir novas perfurações para aumentar a quantidade de água lilás extraída. Ou seja, há uma preferência daqueles que detinham o poder de comercialização por trabalhar com a matéria-prima, ao invés de transformá-la em outros produtos comerciais. Isso aponta para uma alegorização no texto literário da dinâmica social de exploração dos produtos

naturais, como o petróleo. Em países como Angola e Brasil, o modelo de desenvolvimento econômico que privilegia a exploração de *commodities* em detrimento de investimentos em pesquisas científico-tecnológicas para o aprimoramento de seus produtos primários.

A forma como o cientista, o lupi-sábio, é apresentado no romance é bastante notável e importante para a configuração do enredo. Em alguns momentos, “o lupi-sábio andava metido em altos cálculos para descobrir uma nova aplicação da água lilás e não ligou à preocupação dos amigos” acerca das mudanças sociais que o material causou na sociedade dos lupis (Pepetela, 2013, p. 78). Essas mudanças sociais ocorrem durante todo o romance e podem ser trabalhadas pedagogicamente à luz do aspecto sociológico da abordagem CTS (Quadro 1).

Em outros momentos, o lupi-pensador acentua que as descobertas científicas podem ser utilizadas de maneira diferente da qual o cientista planejou, dialogando com o aspecto filosófico da abordagem CTS (Quadro 1):

— É que já vimos onde vão dar as tuas ideias — disse o lupi-pensador, implacável. — Olha a nossa situação. Só inventas coisas que os outros utilizam contra nós próprios, lupi-lupi-lupi.

— Estás a ser injusto — disse o cágado. — O lupi-sábio só inventa coisas boas.

— As coisas boas também podem ser más. E as más podem ser boas, lupi-lupi-lupi. Quando se inventa, não se pode pensar como ele. Não quero discutir nada, só quero fazer as minhas experiências, a sabedoria resolve tudo. A sabedoria até pode resolver, mas depois os outros utilizam o resultado da sabedoria ao contrário e a coisa vira prejudicial. É o que tem acontecido com os lupis. Afinal, o que é que a sabedoria resolveu? (Pepetela, 2013, p. 95)

As relações de Ciência e Poder são largamente estudadas na literatura acadêmica. Como exemplo, pode-se citar o uso de compostos nitrados na produção de explosivos durante a Primeira Guerra Mundial (Le Couteur & Burreson, 2006). O aspecto político da abordagem CTS pode ser elucidado pela rixa entre os leões e as onças:

Um dia os leões consultaram os seus aliados, que eram as cobras. As cobras grandes não podiam entrar na montanha, pois as jibóias e surucucus engoliam carne. Mas as butas e outras pequenas podiam subir pelos rochedos e andavam lá no meio da montanha a caçar insectos. E metiam-se em qualquer buraco para ouvir uma conversa ou espionar os gestos de alguém. As butas vieram pois dar a ideia:

— Segundo os lupis, a água lilás tem aplicações ainda desconhecidas. É o que costumamos ouvir. A água lilás pode servir para derrotar definitivamente as malditas onças. É só preciso descobrir como.

— Por aí não vamos lá — rosnou o leão-chefe, a sacudir a juba amarelecida. — Não sabemos como nos servir dela.

— Pois é — disse uma buta. — Mas os lupis podem saber. É preciso raptar um sábio deles. A ideia foi aceite com alvoroço. Os leões mobilizaram as cobras pequenas, prometendo-lhes uma aliança forte, caso vencessem as danadas onças. E as cobras penetraram em bando na montanha. Infiltraram-se no laboratório e conseguiram trazer um dos adjuntos do lupi-sábio.

— Tens de inventar uma arma contra as onças. Senão és um lupi morto.

Aterrorizado com a ameaça do leão-chefe, dita daquela maneira imponente como falam os leões sempre a bocejar de tédio, o lupi-adjunto trabalhou sem dormir. Fez misturas e mais misturas, como aprendera com o seu mestre. E três dias depois, mais aliviado, disse para o leão-chefe:

— Descobri, lupi-lupi-lupi. Agora posso ir embora para a montanha.

O lupi-adjunto tinha deixado ferver durante umas horas uma panela de água lilás, com umas raízes e folhas especiais, mais as florzinhas brancas e tão insignificantes que nem nome têm. Ficou um líquido que fazia adormecer imediatamente quem o cheirava.

— Primeiro vamos experimentar — respondeu o leão-chefe. — Se não nos enganaste, então depois podes ir. (Pepetela, 2013, pp. 88-89)

Como já apontado, logo no início da narrativa são trazidos elementos da oralidade na voz do avô Bento, o contador da história. Dutra (2011, p. 161) interpreta como evocação da “memória ancestral nas conversas tidas pelo idoso com seus netos, reafirmando a importância da oralidade na perpetuação das tradições do país, que se conjugam, por sua vez, com um saber primordial, ora esquecido.” A mimese angolana em *A Montanha da Água Lilás* é, portanto, deslocada para tempo primordial fazendo com que as sequências de fatos “históricos” na qual ela emula seja distinguida de uma “notícia”, da “história” propriamente dita e da “verdade” factual. Esse efeito estilístico pode ser relacionado com o aspecto histórico da abordagem CTS (Quadro 1) porque gera o sentido de que a narrativa é uma espécie de história do petróleo de um tempo ficcional “em que os animais sabiam ainda dar nome às coisas” (Pepetela, 2013, p. 16).

“Um dia acordaram com uma notícia horrível. A água lilás parou de sair dos dois furos. Nem uma gota.” (Pepetela, 2013, p. 106). O fim da narrativa marca o esgotamento do recurso natural e a derrocada daqueles que ficaram dependentes das trocas comerciais, que tiveram que se tornar escravos dos animais da planície. Os lupi-poeta e lupi-pensador, porém, permaneceram na montanha e descobriram uma nova fonte do recurso natural. A decisão tomada, no entanto, foi a de não contar aos demais sobre a existência dessa fonte. As histórias vividas por eles e por todos os lupis se tornaram fonte

de inspiração para os poemas do lupi-poeta. Poemas esses que se difundiram e chegaram até o avô Bento, o responsável por contar a história para nós leitores.

O encerramento da narrativa que explica o início do romance efabulado que coloca essa história do recurso natural ficcional dentro de um contexto literário se relaciona com o aspecto humanístico da abordagem CTS (Quadro 1):

O lupi-pensador olhou a primeira carraça que se desenvolvia no braço esquerdo, com pena de a tirar. Disse:

— Lupi-poeta, tens que contar tudo isso que passou. Para que os lupis não se esqueçam dos seus erros.

O lupi-poeta fez então muitos poemas. Contavam a estória dos lupis e da água lilás. Também da desgraça que se abateu sobre eles e o seu destino.

Foram talvez esses poemas que chegaram ao conhecimento dos avós dos nossos avós, quando eles compreendiam a linguagem dos lupis. E nos contaram à noite, na fogueira, para transmitirmos às gerações vindouras. Aprenderão elas com a estória? (Pepetela, 2013, p. 109)

Considerações Finais

Tudo que é humano pode ser transfigurado pela Literatura e a transfiguração pode ser uma ferramenta tão poderosa quanto a elucidação do fato concreto. As mudanças sociais causadas pelo advento de um novo recurso natural são transfiguradas em *A Montanha da Água Lilás: fábula para todas as idades*, do romancista angolano Pepetela.

Apoiado em Coelho (2000) entende-se que o gênero fábula não comporta a grandiosidade da obra angolana e que a partir de Benjamin (2012) e Robert (2007) pode-se entender melhor a obra enquanto um romance efabulado, isto é, um romance que incorpora características da fábula. Dessa forma, Pepetela constrói um texto que, na primeira leitura, tem um aspecto pueril, mas que, em sua estrutura profunda, revela uma crítica às mudanças ideológicas após o domínio das jazidas petrolíferas de Angola.

A efabulação do romance é permeada por alegorias do espaço narrativo, das personagens e, principalmente, do recurso natural. O entendimento de “água lilás” como alegoria do “petróleo” faz com que *A Montanha da Água Lilás: fábula para todas as idades* tenha grande potencial para diferentes leituras no âmbito educacional, incluindo o ensino de Ciências/Química.

Considerando-se o fato de esse romance angolano ser tão rico nas possibilidades de leitura e de ser característico da literatura infanto-juvenil o uso como instrumento manipulado por uma intenção educativa, conclui-se que a obra possui potencial para ser inserida em diversas abordagens no campo da Educação Científica ao mesmo tempo que promove o rompimento de estereótipos sobre o continente africano, conforme preconiza o parecer da Lei 10.639/2003 (Brasil, 2003; 2004).

Referências

Benite, A. M. C., Bastos, M. A., Vargas, R. N., Fernandes, F. S. & Faustino, G. A. A. (2018). Cultura africana e afro-brasileira e o ensino de química: estudos sobre desigualdades de raça e gênero e a produção científica. *Educação em Revista*, 34, 1-36.

Benite, A. M. C. Faustino, G. A. A., Silva, J. P. & Benite, C. R. M. (2019). Dai-me agô (licença) para falar de saberes tradicionais de matriz africana no ensino de química. *Química Nova*, 42(5), 570-579.

Benjamin, W. (2012). *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense.

Boavida, A. (1967). *Angola: cinco séculos de exploração portuguesa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Brasil. (2003). *Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003*. Diário Oficial da União. 10 jan. 2003.

Brasil. (2004). Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Parecer normativo, n. 3, de 10 de março de 2004.

Brasil. (2008). *Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008*. Diário Oficial da União. 11 mar. 2008.

Carmo, N. L.; Bufrem, L. S. & Correia, A. E. G. C. (2015). A lei 10.639/2003 no diretório dos grupos de pesquisa registrados no CNPQ. Anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, João Pessoa, PB, Brasil, 16.

Carvalho, T. F. (2004). *Literatura Comparada*. 4.ed, São Paulo: Ática.

Castelo, C. (2013, março 05). O luso-tropicalismo e o colonialismo português tardio. *Buala*, de <https://www.buala.org/pt/a-ler/o-luso-tropicalismo-e-o-colonialismo-portugues-tardio>

- Ceia, C. (2009, dezembro 29). Alegoria. *E-Dicionário de Termos Literários (EDTL)* de <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/alegoria/>
- Chantelain, H. (1964). *Contos populares de Angola: cinquenta contos em quimbundo coligidos e anotados por Héli Chatelain*. Lisboa: Agência-Geral do Ultramar.
- Chaves, R. (1999). Pepetela: romance e utopia na história de Angola. *Via Atlântica*, (2), 216-233.
- Chaves, R. (2003). O romance em Angola: a identidade entre a história e a poesia. In: A. V. Leão (Org.). *Contatos e Ressonâncias: Literaturas africanas de língua portuguesa*. (pp. 373-405) Belo Horizonte: PUC Minas, 2003.
- Coelho, N. N. (2000). *Literatura infantil: teoria, análise e didática*. 1. ed. São Paulo: Moderna.
- Costa, A. P. & Ribeiro, P. R. M. (2011). Ser professora, ser mulher: um estudo sobre concepções de gênero e sexualidade para um grupo de alunas de pedagogia. *Revista Estudos Feministas*, 19(2), 475-489.
- Durão, F. A. (2020). *Metodologia de pesquisa em Literatura*. 1.ed. São Paulo: Parábola.
- Dutra, R. (2011). Literatura e nação - Pepetela e a história de Angola. *Revista de História Comparada*, 5(1), 149-178.
- Faiad, C. R., Lima, G. A., Alvarenga, M. A. F. M. & Rezende, D. B. (2018) África como tema para o ensino de metais: uma proposta de atividade lúdica com narrativas do Pantera Negra. *Revista Eletrônica Ludus Scientiae*, 2(2), 39-55.
- Faiad, C. R., Lima, G. A., Maringolo, C. C. B. (2021). Conhecimento que vale ouro: Química e cultura negra para Educação Escolar Quilombola. *Revista debates em Ensino de Química*. 7(2), 38-53.
- Faiad, C. R. & Rezende, D. B. (2021). Quem escreve as literaturas utilizadas nas pesquisas em Ensino? A interface Química e Literatura nos anais do ENEQ (2004-2021). *Anais do 6º Simpósio Mineiro de Educação Química*. UFTM.
- Galvão, C. (2006). Ciência na literatura e literatura na ciência. *Interacções*, 3, p. 32-51.
- Gancho, C. V. (2004). *Como analisar narrativas*. 7ªed. São Paulo: Ática.
- Gomes, N. L. (2017). *O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis: Vozes.

- Groto, S. R. & Martins, A. F. P. (2015). Monteiro Lobato em aulas de ciências: aproximando ciência e literatura na educação científica. *Ciência & Educação*, 21(1), 219-238.
- Johnstone, A. H. (1993). The Development of chemistry teaching: A changing response to changing demand. *Journal of Chemical Education*, 70(9), 701-704.
- Labianca, D. A. & Reeves, W. J. (1975). An interdisciplinary approach to science and literature. *Journal of Chemical Education*. 52(1), p. 66-67.
- Le Couter, P., & Burreson, J. (2006). *Os Botões de Napoleão: As 17 moléculas que mudaram a história*; Rio de Janeiro: Zahar.
- Lukács, G. (2000). *Teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica*. São Paulo: Duas Cidades: Editora 34.
- Morais A. C. (2015, novembro 11). Angola sempre tem sabido jogar bem a "cartada do petróleo". *Diário de Notícias*, de <http://www.dn.pt/mundo/interior/angola-sempre-tem-sabido-jogar-bem-a-cartada-do-petroleo-4879189.html>
- Mortimer E. F., Machado, A. H. & Romanelli, L. I. (2000). A Proposta Curricular de Química do Estado de Minas Gerais: Fundamentos e Pressupostos. *Química Nova*, 23(2), 273-283.
- Moura, P. (2020, fevereiro 10) UNITA vende diamantes "legalmente". *Político*, de <https://www.publico.pt/destaque/jornal/unita-vende-diamantes-legalmente-152905>
- Nascimento, W. S. (2016). Colonialismo português e resistências angolanas nas memórias de Adriano João Sebastião (1923-1960). *Revista Tempo e Argumento*, 8(19), 283 - 306.
- Pepetela. (2013). *A montanha da água lilás: fábula para todas as idades*. 1. ed. São Paulo: FTD.
- Piassi, L. P. (2011). A perspectiva sociocultural da física nos romances de ficção científica de Arthur Clarke. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*, 11(2), p. 205-226.
- Pinheiro, B. C. S. (2019). Educação em Ciências na Escola Democrática e as Relações Étnico-Raciais. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*, 329-344.
- Pinheiro, B. C. S. (2020). O período das artes práticas: A química ancestral africana. *Revista Debates em Ensino de Química*, 6(1), 4-15.
-

- Pinto Neto, P. C. (2008). *A Química segundo Primo Levi*. Anais o 14^o Encontro Nacional de Ensino de Química. Disponível em <<http://www.quimica.ufpr.br/edu-quim/eneq2008/resumos/R0880-1.pdf>>. Acesso em 15 out. 2016.
- Porto, P. A. (2000). Augusto dos Anjos: ciência e poesia. *Química Nova na Escola*, 11, 30-34.
- Robert, M. (2007). *Romance das origens, origens do romance*. São Paulo: Cosacnaify.
- Santos, S. A. (2005). A Lei 10.639/03 como fruto da luta antirracista do Movimento Negro. In: Brasil. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (org). *Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal no 10639/03*. 21-37.
- Santos, M. A., Camargo, M. J. R. C., & Benite, A. M. C. (2020). Vozes Griôs no Ensino de Química: Uma Proposta de Diálogo Intercultural. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*, 20, 919-947.
- Santos, W. L. P. & Mortimer, E. F. (2000). Uma análise de pressupostos teóricos da abordagem C-T-S (Ciência - Tecnologia - Sociedade) no contexto da educação brasileira. *Revista Ensaio – Pesquisa em Educação em Ciências*. 2(2), 110-132.
- Silva, C. S. (2011). Poesia de António Gedeão e a formação de professores de Química. *Química Nova na Escola*. 33(2), pp. 77-84.
- Silva, L. H. & Pinheiro, B. C. S. (2018). Produções científicas do antigo Egito: um diálogo sobre Química, cerveja, negritude e outras coisas mais. *Revista Debates em ensino de química*, 4(1), 5-28.
- Verrangia, D. & Silva, P. B. G. (2010). Cidadania, Relações Étnico-Raciais e Educação: Desafios e Potencialidades do Ensino de Ciências. *Educação e Pesquisa*, 36(3), 705-718.

Submetido em: 27/07/2021 **Aceito em:** 13/06/2022 **Publicado em:** 25/07/2022